



**INTEGRANDO ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO POR MEIO DE AÇÕES
UNIVERSITÁRIAS NA PÓS-GRADUAÇÃO: A PERCEPÇÃO DE PROFISSIONAIS DA
EDUCAÇÃO SOBRE RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS**

**INTEGRATING TEACHING, RESEARCH AND EXTENSION THROUGH UNIVERSITY
ACTIONS IN GRADUATE STUDIES: THE PERCEPTION OF EDUCATION
PROFESSIONALS ABOUT ETHNIC-RACIAL RELATIONS**

BELETI JUNIOR, Carlos Roberto¹

MAIO, Eliane Rose²

TERUYA, Teresa Kazuko³

RESUMO

Este Trabalho Foi Idealizado Em Uma Disciplina, Em Nível De Doutorado, No Programa De Pós-Graduação Em Educação Na Universidade Estadual De Maringá. Teve Como Objetivo Geral Verificar A Compreensão Do Público Participante Sobre Os Conceitos Relacionados Às Relações Étnico-raciais, Dando Enfoque Ao Racismo. A Metodologia Utilizada Foi A Aplicação De Um Formulário Online Com Perguntas Relacionados Às Questões Étnico-raciais, No Momento De Pandemia. O Público-alvo Foi Composto Por 50 Profissionais Da Educação Divididos Em Dois Grupos, Sendo Um Com 25 Alunos/as De Pós-Graduação *Stricto Sensu* E Outro Com 25 De Docentes Da Rede Municipal De Educação, Da Região Noroeste Do Paraná, Para Verificar Possíveis Diferenças Nas Percepções De Cada Grupo. Constatamos Índícios De Que As Formações Acadêmicas Em Programas *Stricto Sensu* (Mestrado E Doutorado) Oferecem Possibilidades Para Que Profissionais Da Educação Tenham Acesso Ao Conhecimento Aprofundado Acerca De Temáticas Como O Racismo, Em Comparação A Profissionais Sem Tal Formação.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-Graduação; Educação Escolar E Diversidade; Profissionais Da Educação; Relações Étnico-Raciais; Racismo.

¹ Universidade Federal do Paraná, Campus Jandaia do Sul - UFPR. Jandaia do Sul, PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0158-8673>. e-mail: carlosbeleti@ufpr.br

² Universidade Estadual de Maringá - UEM. Maringá, PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9280-9864>. e-mail: elianerosemaio@yahoo.com.br

³ Universidade Estadual de Maringá - UEM. Maringá, PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4876-4400>. e-mail: tkteruya@gmail.com



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

ABSTRACT

This Work Was Conceived In A Discipline, In The Postgraduate Program In Education At The State University Of Maringa. It Aimed To Endorse The Important Discussion On Ethnic-racial Relations, Focusing On Racism. The General Objective Is To Verify The Understanding Of The Participating Public Regarding The Concepts Related To Ethnic-racial Relations, Focusing On Racism. Due To The Pandemic Moment, The Methodology Used Was The Application Of An Online Form With Questions Related To The Theme. The Target Audience Was Composed Of 50 Education Professionals Divided Into Two Groups, One With 25 *Stricto Sensu* Graduate Students And 25 Teachers From The Municipal Education Network, In The Northwest Region Of Paraná, Verifying Possible Differences In The Perceptions Of Each Group. We Found Evidence That Academic Training In *Stricto Sensu* Programs (Master's And Doctorate) Offers Possibilities For Education Professionals To Have Access To In-depth Knowledge About Topics Such As Racism, Compared To Professionals Without Such Training.

KEYWORDS: Post Graduation; School Education And Diversity; Education Professionals; Ethnic-Racial Relations; Racism.

INTRODUÇÃO

Ensino, pesquisa e extensão são os pilares estruturais de uma instituição universitária. A indissociabilidade entre os três tem sido um princípio fundamental na correlação entre a universidade e a sociedade. A curricularização da extensão, por exemplo, que obrigará os cursos de graduação a ofertarem 10% do total de créditos curriculares em ações extensionistas, ampliará as possibilidades de acesso das/os estudantes de graduação aos projetos e ações de extensão. Consequentemente, mais atividades entre a universidade e a comunidade poderão ser realizadas, reforçando o impacto e a transformação social de tais ações para com a população.

Apesar da indissociabilidade ser descrita como primordial na academia, no cotidiano universitário temos, por vezes, o tripé (ensino, pesquisa e extensão) dividido em relações duais na graduação (ensino e extensão) e na pós-graduação (ensino e pesquisa) (MOITA; ANDRADE, 2009). As atividades de pesquisa podem ocorrer durante o curso de graduação por meio de projetos de Iniciação Científica, ou antes, por meio de projetos de Iniciação Científica e Tecnológica Junior, durante o Ensino Médio (PORTO; OLIVEIRA, 2017). Do mesmo modo, há projetos e ações de extensão na Pós-graduação, mas ainda tem ocorrido de maneira tímida (OLIVEIRA *et al.* 2020; CARLETTO; CRISOSTIMO; FARAGO, 2017).

Dessa forma, atividades e ações que valorizem e estimulem a articulação entre



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

ensino, pesquisa e extensão no Ensino Médio, na Graduação e Pós-graduação são relevantes para aproximar a/o aluna/o do ensino e das atividades científicas – por meio de projetos de pesquisa. Além disso, ao estreitar a relação de professoras/es universitárias/os com a sociedade, fortalece a interação dialógica com as comunidades atendidas por programas e projetos de extensão.

Para a realização das práticas de extensão, há diversas temáticas que podem ser abordadas em todas as áreas do conhecimento. Almejamos por ações em áreas que contemplem as necessidades e interesses da comunidade atendida pela instituição de ensino. Quanto às relações étnico-raciais especificamente, discorrendo sobre o racismo, não são encontrados muitos projetos e ações extensionistas (SABINO; LOURENÇO; SILVA, 2019; LIMA; SILVA, 2018; SANTOS; CORRÊA; SANTOS, 2018), por se tratar de uma temática complexa e controversa. Já na pesquisa, há mais projetos e produções acadêmicas que tratam dessa temática (COELHO; REGIS; SILVA, 2020; SILVA; REGIS, MIRANDA, 2018; MULLER, 2015).

Apesar da existência da Lei 10.639 de 2003 (BRASIL, 2003), o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas no Brasil não tem sido efetivamente realizado ou, quando ocorre, permanece permeado pelas marcas eurocêntricas e traços colonialistas (VIANA, 2020; CONCEIÇÃO, 2017; BENEDICTO, 2016; SANTOS, 2013).

Assim, como profissionais da educação, movidas/os pelo não cumprimento da Lei, pela carência de ações nessa temática e pelos frequentes atos de racismo e atrocidades ocorridos no Brasil, nos Estados Unidos e no mundo, consideramos iminente a realização de uma atividade relacionada ao racismo. Amparadas/os por preceitos teóricos, discutidos e debatidos em uma disciplina, em nível de Doutorado, foi proposto o trabalho em tela com o objetivo de verificar o conhecimento do público participante sobre as relações étnico-raciais, especialmente sobre o racismo.

PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho foi desenvolvido como atividade da disciplina “Educação Escolar e Diversidade”, ofertada excepcionalmente em caráter remoto, por causa do período de enfrentamento da Covid-19, ministrada pela professora Eliane Rose Maio, e sob a orientação de professoras do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE) da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Desse modo, optamos por desenvolver uma ação também em formato remoto respeitando as orientações de isolamento social.



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

O trabalho foi dividido em etapas: (1) planejamento da ação e definição do público-alvo; (2) desenvolvimento de um formulário *online* de coleta de informações do público; (3) análise dos dados extraídos do formulário.

A primeira etapa foi provocada pelo desconforto das/os educadoras/es sobre as situações de racismo que ganhou destaques nas mídias brasileiras, pelos relatos do não cumprimento da Lei referente ao ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas (BRASIL, 2003) e pela escassez de ações extensionistas sobre esses assuntos. O público-alvo foi definido com base no perfil das/os estudantes da referida Disciplina e suas atuações profissionais, em grande parte, professoras/es, gestoras/es de instituições de ensino em diversos níveis, além de educadoras/es do ensino básico de um município do Paraná.

Desse modo, o público foi dividido em dois: (i) estudantes do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado); (ii) professoras/es da educação básica da região Noroeste do Paraná. Tal divisão foi proposta com o objetivo de verificar o impacto do nível de formação acadêmica na concepção da temática destacada, visto que esse assunto deve ser tratado obrigatoriamente nas escolas em nosso país, além da repercussão midiática das violências praticadas por policiais, nitidamente de cunho racial, que têm ocorrido no Brasil e no mundo.

Na segunda etapa, optamos por um formulário *online*⁴ em virtude do cenário pandêmico global, respeitando todas as indicações para esse momento e visando facilitar o acesso aos/as respondentes, visto que os/as participantes dos dois grupos se encontram distantes geograficamente. O formulário buscou investigar as impressões das/os respondentes acerca da temática das relações étnico-raciais, um dos temas trabalhados na disciplina, verificando a percepção do público sobre questões gerais e cotidianas sobre o racismo, alguns conceitos que circundam esse tema e as formas de acesso a tais informações. A formulação das perguntas foi orientada por conceitos examinados durante a disciplina e teve o aporte dos estudos e pesquisas realizados pelo Grupo de Pesquisa em Educação, Mídias e Estudos Culturais (GPEMEC), que investiga a temática das relações étnico-raciais.

Na terceira etapa, analisamos as respostas dos participantes que responderam aos formulários. Buscamos verificar as percepções, realizando, quando possível, comparações entre as respostas, com o intuito de averiguar se a formação e atuação profissional das/os participantes pode ter relação quanto ao nível de conhecimento sobre as relações étnico-raciais, mais especificamente sobre o racismo.

⁴ <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

A opção de escolha do público-alvo foi visando identificar não só a compreensão sobre a seara das relações étnico-raciais, com destaque para o racismo, mas também com o intuito de verificar se o nível de escolaridade e a atuação profissional de públicos distintos influenciaria nos resultados da pesquisa. O grupo (i) foi formado por 25 estudantes de Pós-Graduação em nível de Mestrado e Doutorado e que atuam majoritariamente em instituições de ensino, seja educação básica ou em nível superior. O grupo (ii) foi formado por 25 professoras/es da educação básica da rede pública de ensino com formação em nível de Graduação e Pós-Graduação *lato sensu*.

O Quadro 1 apresenta as perguntas do formulário aplicado ao público-alvo.

Quadro 1 - Questionamentos do formulário online

-
- P1 - VOCÊ SE CONSIDERA UMA PESSOA RACISTA?
P2 - JÁ COMETEU ALGUM ATO (MESMO QUE INCONSCIENTEMENTE) QUE POSSA TER SIDO CONSIDERADO RACISMO?
COMENTE SOBRE ESTE ATO:
P3 - VOCÊ CONHECE PESSOA/S RACISTA/S?
P4 - SE VOCÊ RESPONDEU SIM À PERGUNTA 3, ESSA/S PESSOA/S PERTENCE/M AO SEU GRUPO DE CONVÍVIO SOCIAL?
P5 - JÁ TENTOU CONVERSAR COM ESSA/S PESSOA/S SOBRE RACISMO?
P6 - SE VOCÊ RESPONDEU SIM À PERGUNTA 5, COMENTE SOBRE COMO FOI RECEPCIONADA/O POR ESSA/S PESSOA/S.
P7 - EM SUA PERCEPÇÃO, O QUÃO RACISTA SÃO AS/OS BRASILEIRAS/OS?
P8 - EM SUA PERCEPÇÃO, O QUÃO RACISTA SÃO AS/OS NORTE-AMERICANAS/OS?
P9 - COMENTE, COM SUAS PALAVRAS, O QUE VOCÊ COMPREENDE POR RACISMO:
P10 - COMENTE, COM SUAS PALAVRAS, O QUE COMPREENDE POR COLONIALISMO:
P11 - COMENTE, COM SUAS PALAVRAS, O QUE COMPREENDE POR NEGRITUDE:
P12 - COMENTE, COM SUAS PALAVRAS, O QUE COMPREENDE POR BRANQUITUDE:
P13 - COMENTE, COM SUAS PALAVRAS, O QUE COMPREENDE POR "LUGAR DE FALA":
P14 - QUANTAS/OS AUTORAS/ES NEGRAS/OS VOCÊ JÁ LEU? QUEM SÃO ELAS/ES?
P15 - EM QUE PERÍODO DA VIDA REALIZOU ESSAS LEITURAS? COM QUAL/IS OBJETIVO/S?
P16 - VOCÊ CONSIDERA QUE AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PODEM SER MELHOR COMPREENDIDAS EM:
-

FONTE: Elaboração própria, 2020.

PERCEPÇÃO DO PÚBLICO

Iniciamos a análise dos dados com a constatação de uma pesquisa de 1995, trazida por Djamila Ribeiro (2019b, p. 21), em que "89% dos brasileiros admitiam existir preconceito de cor no Brasil, mas 90% se identificavam como não racistas". Ou seja, no ano de 1995, a população brasileira se identificava majoritariamente como não racista. Em pesquisa mais recente (FILIPPE, 2021), em meados de 2021, esses percentuais foram



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

atualizados, mostrando que 84% da população do país percebem o racismo, porém, 96% se identificam como não racistas.

A seguir, apresentamos os resultados obtidos no formulário endereçado ao nosso público. Na pergunta 1: Você se considera uma pessoa racista? 84% das pessoas do grupo (i) e 100% do grupo (ii) responderam não. Na pergunta P3, destacamos que 96% das/os respondentes do grupo (i) e 80% do grupo (ii) informaram conhecer alguma pessoa racista; ainda, 75% das/os respondentes do grupo (i) e 85% do grupo (ii) afirmaram que as pessoas racistas convivem em seus grupos de convívio social. Quer dizer que a maioria se considera não racista, mas, por outro lado, conhece alguém racista e que convive em seus grupos sociais. O que nos faz refletir que, como descrito por Ribeiro (2019b, p. 13-14), "nunca entre numa discussão dizendo 'mas eu não sou racista'"; a/o brasileira/o, em geral, tem receio de admitir que, mesmo sem perceber, faz parte do racismo estruturado⁵ pela sociedade.

Na pergunta P2, sobre ter cometido algum ato racista, mesmo que inconscientemente, obtivemos 44% das pessoas do grupo (i) que responderam "sim", 28% disseram que "não" e o mesmo percentual respondeu "não se lembrar". O grupo (ii) assinalou "sim" em 12%, 76% para "não" e 12% para "não se recorda". Em outras palavras, tivemos um pequeno percentual de respondentes que admitem já ter cometido algum tipo de racismo e uma maioria que declarou não ter realizado ou que não se recordou, mais um fator que corrobora com o fato da/o brasileira/o não se considerar racista.

Quanto à tentativa de aproximação e possível diálogo com pessoas racistas (pergunta P5), no grupo (i) 76% afirmaram ter tentado iniciar algum tipo de conversa sobre o tema; já para o grupo (ii) 48% tiveram a mesma postura. Tais percentuais podem indicar que pessoas com maior formação acadêmica têm mais interesse em dialogar sobre temas controversos.

Quanto ao questionamento da pergunta P6, referente à recepção das pessoas ao se tentar falar sobre o racismo, por ser de resposta aberta, obtivemos respostas que se enquadraram em 3 categorias: i) com estranheza, resistência e negação (maioria dos casos); ii) como um assunto desnecessário, e; iii) ouviram, mas trataram com brincadeira. Apenas 2, entre os dois grupos, responderam que tiveram uma boa recepção e houve reflexões positivas, o que nos indica que, nos grupos sociais de vivência do público-alvo, existem pessoas racistas que não desejam falar sobre o assunto. Muitas respostas sobre

⁵ Para Almeida (2019), racismo estrutural configura-se como uma manifestação normal na sociedade, compreendendo o racismo como uma forma de racionalidade.



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

essa questão apontaram proximidade à frase: “mas eu não sou racista”, típica resposta de pessoas que não admitem ter preconceitos, não apenas nessa temática como em outras pautas como homofobia e machismo (RIBEIRO, 2019b).

Com as perguntas P7 e P8, visamos conhecer a percepção do público em relação ao racismo que ocorre no Brasil em comparação ao que acontece nos Estados Unidos, visto que, conforme Nogueira (2007, p. 292), neste é caracterizado um preconceito ‘de origem’ – “quando basta a suposição de que o indivíduo descende de certo grupo étnico para que sofra as consequências do preconceito” –, enquanto naquele, ocorre o preconceito ‘de marca’ – “quando toma por pretexto, para as suas manifestações, os traços físicos do indivíduo, a fisionomia, os gestos, o sotaque”. As percepções do grupo (i) indicaram que o racismo é relativamente igual nos dois países. Para o grupo (ii), as/os americanas/os seriam mais preconceituosas/os do que as/os brasileiras/os. As respostas do grupo (ii) apontaram que os/as americanos/as teriam um nível de racismo, em uma classificação em uma escala Likert⁶ (de 1 a 10), de 72% entre 8 e 10, e os/as brasileiros/as de 48% entre 8 e 10.

As perguntas de P9 a P13 possibilitaram respostas abertas sobre conceitos relacionados ao racismo, justamente com o intuito de verificar o conhecimento acerca da temática pelo público. Nessas perguntas, analisamos as percepções separadamente por grupo, pois encontramos diferenças nas formas de conceituação entre eles.

ANÁLISE DAS RESPOSTAS DESCRITIVAS - GRUPO (I)

Para o grupo (i), quanto à pergunta P9, com base em conceituações de Almeida (2019) e Ribeiro (2018; 2019b), a maioria das/os respondentes apresentou um bom domínio sobre o conceito de racismo, sem nenhuma caracterização inadequada sobre a temática. O Quadro 2 sintetiza as principais respostas.

Quadro 2 - Principais respostas da pergunta P9 - grupo (i)

CONSIDERO RACISMO A IDEIA OU A PERCEPÇÃO SOCIAL DE QUE EXISTE UMA HIERARQUIA ENTRE OS DIFERENTES POVOS, CONSIDERANDO INFERIORES E/OU SUBALTERNOS AQUELES QUE NÃO SE ENQUADRAM NO PADRÃO HEGEMÔNICO.

COMPREENDO O RACISMO COMO FORMA EM QUE PESSOAS BRANCAS SE UTILIZARAM DA COR DA PELE E/OU DA ETNIA DE OUTROS GRUPOS PARA OBTER PRIVILÉGIOS DIANTE DOS DEMAIS SERES HUMANOS, PRINCIPALMENTE NEGROS E INDÍGENAS.

⁶ Tipo de escala utilizada em questionários com possibilidades de respostas em níveis (DALMORO; VIEIRA, 2013).



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

COMPREENDO POR RACISMO TODA E QUALQUER ATO, CRENÇA, TEORIA, QUE TENHA POR INTUITO DEPRECIAR, VIOLENTAR E/OU DISCRIMINAR UM SUJEITO EM FUNÇÃO DE SUA RAÇA/ETNIA. ALÉM DISSO, ATUALMENTE FALAMOS MUITO SOBRE "RACISMO ESTRUTURAL", OU SEJA, ELE ESTÁ NA BASE, NA RAIZ CONSTITUINTE DA NOSSA SOCIEDADE, DE COMO ELA ESTÁ CONSTITUÍDA.

PREDOMÍNIO DA HEGEMONIA BRANCA EM DIVERSAS DIMENSÕES SOCIAIS, POLÍTICAS, CULTURAIS E ECONÔMICAS. IMPLICA SEMPRE UMA RELAÇÃO DE PODER, POR ISSO É ESTRUTURADA E ESTRUTURA A BRANCURA E SEUS PRIVILÉGIOS.

UMA RELAÇÃO DE PODER QUE HIERARQUIZA, SOB O ASPECTO SOCIAL, UMA RAÇA SOBRE A OUTRA E A PARTIR DESTA HIERARQUIZAÇÃO DEFINE ESPAÇOS, DIREITOS E ACESSOS.

FONTE: Elaboração própria, 2020.

Conforme Ribeiro (2018, p. 41), "racismo é um sistema de opressão e, para haver racismo, deve haver relações de poder. Negros não possuem poder institucional para serem racistas. A população negra sofre um histórico de opressão e violência que a exclui". Para Almeida (2019, p.25), "o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes e inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender do grupo social ao qual pertençam". Portanto, o racismo estrutural, por definição, faz parte da estrutura da sociedade.

As respostas preponderantes sobre o conceito de colonialismo, da pergunta P10, estão no Quadro 3. Quase que a totalidade das respostas foram elaboradas com argumentos históricos que remeteram, principalmente, à colonização de Portugal sobre o Brasil.

Duas respostas fizeram analogia à questão do autoritarismo e relação de poder das/os brancas/os sobre as/os negras/os. Boaventura Santos (2018, s/p) entende que o colonialismo "é todo o modo de dominação assente na degradação ontológica das populações dominadas por razões étnico-raciais. Às populações e aos corpos racializados não é reconhecida a mesma dignidade humana que é atribuída aos que os dominam".

Quadro 3 - Principais respostas da pergunta P10 - grupo (i)

É O PROCESSO QUE UM DETERMINADO GRUPO DOMINANTE EXERCE POLITICAMENTE E SOCIALMENTE SOBRE OUTRO GRUPO CONSIDERADO MAIS FRACO E QUE DEVE SER MOLDADO DE ACORDO COM OS OBJETIVOS DO PRIMEIRO GRUPO.

QUANDO FALAMOS EM COLONIZAR, COMPREENDO QUE ESTAMOS NOS REMETENDO A IDEIA DE TOMADA DE UM TERRITÓRIO E DE UM POVO PARA SI, A FIM DE DIZIMAR A SUA CULTURA, AS SUAS CRENÇAS E O PRÓPRIO ESPAÇO DESTE POVO, PARA "CONVERTER" TODO UM TERRITÓRIO.



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

O COLONIALISMO ESTÁ RELACIONADO A IMPOSIÇÃO DAS CULTURAS HEGEMÔNICAS SOBRE AS OUTRAS CONSIDERADAS SUBALTERNAS. UM EXEMPLO DISSO FOI O QUE ACONTECEU NO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO DO BRASIL POR PORTUGAL, EM QUE OS COLONIZADORES IMPUSERAM SUAS CULTURAS, SUA LÍNGUA, SUA RELIGIÃO, SEUS CONHECIMENTOS, SEUS MODOS DE VIDA, ENTRE OUTRAS COISAS, AOS COLONIZADOS (POVOS INDÍGENAS).

ACREDITO QUE ESTEJA ASSOCIADO A CULTURA COLONIAL E DE DEPENDÊNCIA QUE O BRASIL ESTEVE CONDICIONADO DURANTE O PERÍODO COLONIAL, MAS QUE AINDA CARREGA CARACTERÍSTICAS DESTES COLONIALISMO.

É O PROCESSO QUE UM DETERMINADO GRUPO DOMINANTE EXERCE POLITICAMENTE E SOCIALMENTE SOBRE OUTRO GRUPO CONSIDERADO MAIS FRACO E QUE DEVE SER MOLDADO DE ACORDO COM OS OBJETIVOS DO PRIMEIRO GRUPO.

FONTE: Elaboração própria, 2020.

Quanto à negritude, conforme pergunta P11, parte dos/as respondentes mostrou ter um bom conhecimento, pois, como descreveu Munanga (2012, p. 11), "negritude é, sem dúvida, uma reação racial negra a uma agressão racial branca". A síntese das principais respostas do grupo está no Quadro 4.

O autor ainda destaca que "a negritude torna-se uma convocação permanente de todos os herdeiros dessa condição para que se engajem no combate para reabilitar os valores de suas civilizações destruídas e de suas culturas negadas" (MUNANGA, 2012, p. 20). Ou seja, todas/os deveriam ter a negritude como um princípio ao combate à opressão e à escravização que ocorreram durante tanto tempo.

Quadro 4 - Principais respostas da pergunta P11 - grupo (i)

NEGRITUDE ADVÉM DO MOVIMENTO NEGRO QUE DEVOLVE O PROTAGONISMO ÀS PESSOAS NEGRAS, VALORIZANDO SUA CULTURA, SEU PENSAMENTO, RAÍZES, COR ETC.

REFERE-SE À IDENTIDADE RACIAL DO NEGRO E A TODO O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DESTA IDENTIDADE. PARA SER COMPREENDIDA ESSA NEGRITUDE, FAZ-SE NECESSÁRIO ENTENDERMOS A HISTÓRIA, TODO O MECANISMO QUE SITUA A/O NEGRA/O EM UM SISTEMA REPLETO DE CLIVAGENS PARA COM ESTE SUJEITO.

IDENTIDADE RACIAL DE PESSOAS NEGRAS QUE SIMBOLIZA A LUTA DA POPULAÇÃO AFRODESCENDENTE POR UM ESPAÇO DE RECONHECIMENTO SOCIAL.



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

COMPREENDO QUE, AO FALARMOS DE NEGRITUDE, ESTAMOS NOS REMETENDO NÃO SOMENTE A COR DE PELE, MAS A DIVERSOS ASPECTOS HISTÓRICOS, SOCIAIS, CULTURAIS, VIVENCIAIS, QUE DIZEM RESPEITO À EXPRESSÃO "NEGRITUDE".

ESTÁ PARA ALÉM DA COR DA PELE, MAS AGREGA A DIGNIDADE, ANCESTRALIDADE, POTÊNCIA, RESPEITO, DIVERSIDADE, SOBRETUDO, POSSIBILIDADES. AGREGA TAMBÉM A VALORIZAÇÃO DO OUTRO INDEPENDENTE DE SUA COR E ETNIA.

FONTE: Elaboração própria, 2020.

A concepção de branquitude, referente à pergunta P12, foi analisada por mais da metade das/os respondentes, demonstrando compreensões adequadas sobre o conceito, dadas às concepções de Moreira (2012) e Cardoso (2010). O que nos chamou a atenção foram as respostas incoerentes ou que se confundiram com o conceito de branqueamento, por exemplo. As respostas assertivas acerca do conceito de branquitude estão no Quadro 5.

Quadro 5 - Principais respostas da pergunta P12 - grupo (i)

BRANQUITUDE É QUANDO BRANCOS E BRANCAS RECONHECEM A SUA CONDIÇÃO DE PRIVILÉGIO NA SOCIEDADE.

REFERE-SE À IDENTIDADE RACIAL BRANCA MAS, MAIS DO QUE ISSO. AQUI SE VERIFICA UM FENÔMENO DA MATERIALIZAÇÃO DA HIERARQUIA EXISTENTE DO BRANCO PARA COM O NEGRO.

DEMONSTRA O RECONHECIMENTO DO PRIVILÉGIO EXISTENTE POR PERTENCER A UM PADRÃO QUE O COLOCA EM UM LOCAL CONFORTÁVEL E SEGURO.

A BRANQUITUDE ESTÁ RELACIONADA AO LUGAR DE PRIVILÉGIO QUE AS PESSOAS BRANCAS OCUPAM.

RECONHECIMENTO DE PERTENÇA A UM GRUPO PRIVILEGIADO.

FONTE: Elaboração própria, 2020.

Para Moreira (2012, p. 1), o termo branquitude seria o “ponto de superação do ideal branco através da aceitação da existência do privilégio por parte dos brancos e sua consequente tentativa de combate ao racismo”. Quanto ao branqueamento, termo que gerou confusão entre as/os respondentes, Hofbauer (2006) nos informa que seria um ideário de transformar a população de pele negra em branca, justificando-se por uma suposta supremacia branca.



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

O termo “lugar de fala” teve suas impressões relatadas nas respostas da pergunta P13. Quanto ao conceito, a maioria também conseguiu expor definições adequadas, segundo autoras como Ribeiro (2019a), porém algumas/ns respondentes apresentaram desacertos ao declararem, por exemplo, lugar de fala, como as experiências e vivências dos sujeitos. As principais impressões sobre o termo são apresentadas no Quadro 6.

Quadro 6 - Principais respostas da pergunta P13 - grupo (i)

LUGAR DE FALA; REFERE-SE AO ESPAÇO DE DISCUSSÃO DE ACORDO COM A VISÃO DE QUEM ESTÁ FALANDO.

ENVOLVE AS CONDIÇÕES E POSIÇÕES SOCIAIS EM QUE SÃO PRODUZIDOS DETERMINADOS DISCURSOS OU PONTOS DE VISTAS E ENVOLVE RELAÇÕES DE PODER.

TRATA-SE DA LEGITIMIDADE DO FALAR, DO COMUNICAR, DO DEBATER, DO SER OUVIDO E OUVIR TAMBÉM.

EMIÇÃO DE OPINIÃO DE ALGUÉM QUE PERTENCE A DETERMINADO GRUPO E, POR ISSO, FALARIA COM PROPRIEDADE, POR TER SUPOSTAMENTE VIVÊNCIA.

É O ESPAÇO QUE CADA PESSOA PERTENCE E EMITE SUAS IDEIAS E OPINIÕES.

FONTE: Elaboração própria, 2020.

Nessa seara, Ribeiro (2019a) nos auxilia quando descreve o “lugar de fala” como referente a um lugar social ocupado pelo/a locutor/a, ou seja, sua posição social ocupada na sociedade. Para a autora, quão maior for a posição social, mais se pode contribuir na discussão antirracista.

Quanto ao consumo de literatura de autoras/es negras/os – pergunta P14, o grupo (i) mostrou que conhece nomes de referência na área. As/Os mais citadas/os foram: Djamila Ribeiro, Machado de Assis, Angela Davis, Stuart Hall, Grada Kilomba, Sueli Carneiro, Silvio Almeida, Abdias Nascimento, Conceição Evaristo, Toni Morrison, bell hooks, Carla Akotirene, Rodney Willian, além de outras/os que tiveram menos aparições nas respostas. A maioria descreveu que teve contato com tais referenciais durante a Pós-Graduação, especialmente em disciplinas e estudos que contemplam a temática “diversidade” (pergunta P15). O grupo aponta poucas aparições, apenas quatro, sobre o consumo de referenciais dos estudos apontados, desde a adolescência.

Na pergunta P16, a maior parte das/os respondentes (88%) assinalou os referenciais teóricos (livros, teses, dissertações, artigos científicos, entre outros) como as



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

principais fontes sobre a temática, com a aparição das transmissões *online (lives)*, como segunda fonte, representando 48% das respostas, seguidos por vídeos e animações (48%), redes sociais (44%), páginas *web* (40%) e grupos de *WhatsApp* com 28% das respostas. Isso sugere que a fonte mais acessada, ainda, são os referenciais teóricos, um resultado previsível dada a atuação desse público. Outro resultado que nos chamou a atenção foi quanto às transmissões *online*, fator possivelmente ocasionado pelo momento de pandemia em que passamos. Vídeos e animações, redes sociais e páginas *web* apresentaram valores expressivos e são justificáveis pelo aumento substancial de acesso aos dispositivos móveis e à internet. Apesar de apenas 28%, a aparição do *WhatsApp* como fonte de informações preocupa, pois pode-se tratar de uma fonte com dados inconsistentes (desinformação).

ANÁLISE DAS RESPOSTAS DESCRITIVAS - GRUPO (II)

Conforme características do público-alvo, definido como grupo (ii), a maioria das respostas descritivas foi sucinta. Quanto à pergunta P9, que versa sobre racismo, houve manifestações que associaram cor de pele, raça, classe social e religião, para descrever o conceito. O Quadro 7 aponta algumas das respostas sobre o racismo.

Quadro 7 - Principais respostas da pergunta P9 - grupo (ii)

RACISMO É A FALTA DE RESPEITO COM AS PESSOAS SENDO PELA SUA COR, RAÇA OU CLASSE SOCIAL.

PRECONCEITO COM PESSOAS DE OUTRAS RAÇAS.

O ATO DE EXCLUIR RIDICULARIZAR OU PREJUDICAR OUTRO SER HUMANO POR CAUSA DE COR, RAÇA, RELIGIÃO OU OPÇÃO RELIGIOSA.

FORMA DE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO.

PESSOAS QUE DISCRIMINAM AS OUTRAS POR COR DE PELE, POR CLASSE SOCIAL, POR RELIGIÃO, ETC.

FONTE: Elaboração própria, 2020.

Notamos a palavra "desigualdade" em 2 aparições nas respostas, a palavra "preconceito" em 5 ocasiões e "discriminação" em 4 instantes distintos, o que nos permite a inferir que as/os respondentes possuem certa compreensão sobre o conceito, sendo breves nas definições.

A pergunta P10 indagou sobre colonialismo. As respostas referem-se,



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

principalmente, ao período colonial, retratando o Brasil como Colônia de Portugal. Houve ainda ocorrências (3) de não manifestação de respostas (“Não sei” / “Nada a declarar”). Definições como grupo ou colônia de pessoas apareceram em 5 ocasiões. O Quadro 8 ilustra algumas respostas sobre essa questão.

Quadro 8 - Principais respostas da pergunta P10 - grupo (ii)

EXPLORAÇÃO DE UM GRUPO ÉTNICO POR OUTRO GRUPO ÉTNICO.

É UMA FORMA DE GOVERNO EXERCIDA NA ÉPOCA DO BRASIL COLÔNIA.

COLONIALISMO SE REFERE À ÉPOCA DAS COLÔNIAS ONDE HAVIA O DOMINADO E O DOMINADOR O QUE DE CERTA FORMA EXISTE AINDA NOS DIAS DE HOJE.

UM PROCESSO DE EXPLORAÇÃO QUE OCUPA DETERMINADOS TERRITÓRIOS.

COLONIALISMO É UM GRUPO DE AUTORIDADE, FORMANDO COLÔNIAS.

FONTE: Elaboração própria, 2020.

Sobre negritude, foram poucas aparições de respostas assertivas relacionadas à temática, segundo apontamentos de Munanga (2012). Algumas/ns optaram por não declarar sua resposta (3) e quase metade (12) definiu como simplesmente relacionado às pessoas negras. Algumas respostas estão no Quadro 9.

Quadro 9 - Principais respostas da pergunta P11 - grupo (ii)

ATITUDE NEGRA DE EXPOR SEUS COSTUMES, USOS E CULTURA.

REFERE-SE À IDENTIDADE RACIAL NEGRA.

NEGRITUDE É HONRAR A RAÇA NEGRA, TER ORGULHO DE SER NEGRO.

ORGULHO DE SER NEGRO.

VALORIZAÇÃO DA RAÇA NEGRA.

FONTE: Elaboração própria, 2020.

Sobre o conceito branquitude (pergunta P12), o grupo (ii) também contou com manifestações não declaradas (3), diversas respostas relacionando a objetos e pessoas



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

brancas (13), sobre hierarquia e etnia de pessoas brancas (4), orgulho de ser branca/o (3) e houve duas manifestações incoerentes, conforme estudos de Moreira (2012) e Cardoso (2010), dizendo que seria o preconceito de pessoas negras contra as pessoas brancas – o chamado “racismo reverso”. Trata-se de uma descrição imprecisa e incorreta, pois, Ribeiro (2018, p. 41) afirma que “para haver racismo reverso, precisariam ter existido navios branqueiros, escravização por mais de trezentos anos da população branca, negação de direitos a ela”.

A pergunta P13, sobre o termo “lugar de fala” (RIBEIRO, 2018), foi a que apresentou a maior quantidade de não manifestações (6) e respostas incorretas (11). Algumas respostas sobre o conceito podem ser vistas no Quadro 10.

Quadro 10 - Principais respostas da pergunta P13 - grupo (ii)

É A POSIÇÃO SOCIAL, QUE A PESSOA SE ENCONTRA.

"LUGAR DE FALA" SERIA TER CHANCE SER OUVIDO, A MINORIA TER VOZ.

LUGAR ONDE TODOS PODEM FALAR POR SI MESMOS.

LUGAR ONDE AS PESSOAS PODEM EXPOR SEU PONTO DE VISTA SEM REPRESÁLIA.

LOCAL ONDE SE PODE FALAR DE DIFERENTES ASSUNTOS.

FONTE: Elaboração própria, 2020.

As perguntas P14 e P15 indagavam sobre a realização de leituras de obras de autoras/es negras/os e sobre o período em que tais leituras foram realizadas, respectivamente. Algumas/ns disseram não se recordar (5), não ter lido (6) ou desconhecer se o/a autor/a era negro/a (5). Machado de Assis, Lima Barreto, Joel Rufino e Elisa Lucinda estiveram presentes na resposta de um/a respondente, com Lima aparecendo em outra, Machado em mais duas. Ruth Guimarães, Lázaro Ramos e Nelson Mandela estiveram em uma resposta cada. A aparição da resposta “Não leio livros nenhum” nos chamou atenção, visto que se tratam de professoras/es da educação básica, profissionais que estão na vanguarda do ensino no Brasil.

Quanto às fontes de informações sobre a temática das relações étnico-raciais, os referenciais teóricos e páginas *web* estiveram presentes em 44% das respostas, as redes sociais, os vídeos e as animações foram marcados em 40% das respostas, sendo seguidos



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

pelas transmissões *online* e grupos de *WhatsApp* com 24% cada. Novamente, tratando-se de profissionais da educação básica, esperávamos um maior percentual de respostas relacionadas a referenciais teóricos tais como livros, artigos, teses e dissertações.

De modo geral, verificamos, por meio da análise das respostas do público-alvo do grupo (ii), que existe um desconhecimento de conceitos relacionados às questões étnico-raciais por parte de professoras/es do ensino básico. Fato esse que corrobora com dados de pesquisas que indicam o despreparo das/os profissionais da educação para lidarem com a temática, além de situações de preconceito e racismo que ocorrem no ambiente escolar (PRUDÊNCIO; JESUS, 2019; FERREIRA, 2015; TEIXEIRA, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender as relações étnico-raciais é oportuno a toda a população que convive em sociedade, pois permite conhecer os aspectos culturais, étnicos, religiosos, políticos e sociais de diferentes povos que habitaram e habitam as mais variadas localidades do globo terrestre. Nesse mundo globalizado, cercado pelo capitalismo, encontramos as marcas eurocêntricas e coloniais que naturalizaram o racismo institucional e estrutural no Brasil.

Foi objetivo deste trabalho analisar as compreensões sobre a temática das relações étnico-raciais de cada grupo, verificando se suas formações e atuações profissionais teriam impacto nos entendimentos. Da análise, apontamos indícios de que as formações acadêmicas em programas *stricto sensu* (Mestrado e Doutorado) oferecem possibilidades para que profissionais da educação tenham acesso facilitado a informações acerca de temáticas como o racismo, em comparação a profissionais sem tal formação. Buscamos ainda demonstrar a necessidade da contínua capacitação profissional das/os professoras/es por meio, principalmente, de programas de Pós-Graduação *stricto sensu*.

Salientamos as diversas formas de acesso a informações sobre a temática discutida neste trabalho sejam quais forem os meios, visto que nem toda pessoa tem acesso a materiais teóricos referenciais e, algumas, mesmo tendo, preferem outros modos de acesso, tais como os meios digitais e redes sociais. Destacamos também que, nem todas/os as/os profissionais da educação alcançam programas de Pós-Graduação em nível de Mestrado e Doutorado, possíveis locais de estudos e pesquisas sobre diversas temáticas como a apresentada.

Destacamos a necessidade da uma formação (inicial e continuada) de



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

professoras/es, que não seja eurocêntrica, que problematize as questões raciais no espaço escolar. Para isso, propomos ações e projetos de extensão sobre as temáticas das relações étnico-raciais, para discutir e apresentar temas como o racismo, preconceitos e diversidade, sobretudo, em programas de Pós-Graduação, a fim de atingir um maior e mais diversificado público.

Como continuidade a essa ação, pretendemos realizar exposições dialogadas para os públicos-alvo descritos neste trabalho, destacando os aspectos observados nas respostas do formulário, descrevendo definições, conceitos fundamentais das relações étnico-raciais e apontando materiais para consulta na área. Tais exposições podem ser requeridas por entidades ou instituições públicas ou privadas, ou por quaisquer pessoas em todo o Brasil. O Grupo de Pesquisa em Educação, Mídias e Estudos Culturais, do qual fazemos parte, considera esta temática de extrema relevância para toda a sociedade, além de contar com professoras/es, pesquisadoras/es e estudantes em diversas instituições de ensino no país. Há ainda a possibilidade da realização de exposições de modo online, meio pelo qual o presente trabalho foi realizado.



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural. São Paulo: Pólen Produção Editorial, 2019.

BENEDICTO, Ricardo Matheus. Afrocentricidade, Educação E Poder: Uma Crítica Afrocêntrica Ao Eurocentrismo No Pensamento Educacional Brasileiro. 298f. Tese De Doutorado. Programa De Pós-Graduação Em Educação. Universidade De São Paulo, 2016.

BRASIL. Lei Nº 10.639, De 9 De Janeiro De 2003. Altera A Lei No 9.394, De 20 De Dezembro De 1996, Que Estabelece As Diretrizes E Bases Da Educação Nacional, Para Incluir No Currículo Oficial Da Rede De Ensino A Obrigatoriedade Da Temática "História E Cultura Afro-Brasileira", E Dá Outras Providências. Diário Oficial [da] República Federativa Do Brasil. Brasília, DF, 9 Jan. 2003. Disponível Em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10639.htm>. Acesso Em: 26 Jun. 2020.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude Acrítica E Crítica: A Supremacia Racial E O Branco Anti-racista. Revista Latinoamericana De Ciencias Sociales, Niñez Y Juventud, V. 8, N. 1, P. 607-630, 2010.

CARLETO, Marcia Regina; CRISOSTIMO, Paulo Vítor, FARAGO, Ana Lúcia. A Identidade Da Extensão Universitária Na Pós-graduação. In: CRISOSTIMO Ana Lúcia, SILVEIRA Rosemari Monteiro Castilho Foggatto (orgs.). A Extensão Universitária E A Produção Do Conhecimento: Caminhos E Intencionalidades. Guarapuava/PR: Ed. Da Unicentro, 2017, P. 81-101.

COELHO, Wilma De Nazaré Baía; REGIS, Kátia Evangelista; SILVA, Carlos Aldemir Farias Da. Significações Sobre A Erer: Uma Análise De Publicações Em Periódicos Da Educação (2015-2019). Revista Teias [S.l.], V. 21, N. 62, P. 334-346, Set. 2020.

CONCEIÇÃO, Maria Telvira. Os Discursos Da Racialização Da África Nos Livros Didáticos Brasileiros De História (1950 A 1995). Educação & Realidade, V. 42, N. 1, P. 35-58, 2017.

DALMORO, Marlon; VIEIRA, Kelmara Mendes. Dilemas Na Construção De Escalas Tipo Likert: O Número De Itens E A Disposição Influenciam Nos Resultados? Revista Gestão Organizacional, V. 6, N. 3, 2013, P. 161-174.

FERREIRA, Joseildo Cavalcanti. Educação Das Relações Étnico-raciais E Sentidos Construídos Na Prática Docente Dos Professores Dos Anos Finais Do Ensino Fundamental. 196f. Dissertação De Mestrado. Programa De Pós-Graduação Em Educação Contemporânea. Universidade Federal De Pernambuco, 2015.

FILIPPE, Marina. No Brasil, 84% Percebem Racismo, Mas Apenas 4% Se Consideram Preconceituoso. Revista Exame, 2021. Disponível Em: <<https://exame.com/negocios/no-brasil-84-percebe-racismo-mas-apenas-4-se-considera-preconceituoso/>>. Acesso Em: 22 De Set. De 2022.

HOFBAUER, Andreas. Uma História De Branqueamento Ou O Negro Em Questão. São Paulo: Unesp, 2006.



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

LIMA, Rogerio Mendes De; SILVA, Fernanda Dos Santos Vallim Da. TARJA PRETA: Experiências Interculturais Em Uma Escola Da Periferia. E-Mosaicos, V. 7, N. 16, P. 141-156, 2018.

MOITA, Filomena Maria Gonçalves Da Silva Cordeiro; ANDRADE, Fernando César Bezerra De. Ensino-pesquisa-extensão: Um Exercício De Indissociabilidade Na Pós-graduação. Revista Brasileira De Educação, V. 14, N. 41, P. 269-280, 2009.

MOREIRA, Camila. Branquitude X Branquidade: Uma Análise Conceitual Do Ser Branco. III Ebecult- Encontro Baiano De Estudos Em Cultura, 2012.

MULLER, Tânia Mara Pedroso. As Pesquisas Sobre O "estado Do Conhecimento" Em Relações Étnico-raciais. Rev. Inst. Estud. Bras., São Paulo, N. 62, P. 164-183, Dec. 2015 .

MUNANGA, Kabengele. Negritude: Usos E Sentidos. São Paulo: Autêntica, 2012.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito Racial De Marca E Preconceito Racial De Origem: Sugestão De Um Quadro De Referência Para A Interpretação Do Material Sobre Relações Raciais No Brasil. Tempo Social, V. 19, N. 1, P. 287-308, 2007.

OLIVEIRA, Dayse Kelly Barreiros De *Et Al.* O Processo Seletivo Para A Pós-graduação Stricto Sensu E A Extensão Universitária: Uma Prática Formativa. Pensar Acadêmico, V. 18, N. 2, P. 231-245, 2020.

PORTO, Maria Beatriz Dias Da Silva Maia; OLIVEIRA, Esequiel Rodrigues. A Imagem No Desenvolvimento Do Projeto De Iniciação Científica E Tecnológica Junior Em Robótica Educativa. E-Mosaicos, [S.l.], V. 6, N. 12, P. 113-137, Ago. 2017.

PRUDÊNCIO, Christiana Andréa Vianna; JESUS, Jeobergna De. As Relações Étnico-raciais E O Ensino De Ciências: Visão De Professores De Itabuna-BA. Com A Palavra, O Professor, V. 4, N. 9, P. 186-209, 2019.

RIBEIRO, Djamila. Quem Tem Medo Do Feminismo Negro? São Paulo: Companhia Das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. O Que É Lugar De Fala. Belo Horizonte: Letramento, 2019a.

RIBEIRO, Djamila. Pequeno Manual Antirracista. São Paulo: Companhia Das Letras, 2019b.

SABINO, Geruza De Fátima Tomé; LOURENÇO, Lucilene Gonçalves De Oliveira; SILVA, Davidson Bruno Da. Racismo E Representatividade Da Criança Negra Na Literatura Infantil: Reflexões Sobre O Projeto De Extensão E Cultura "construindo A Própria História". Zero-a-Seis, V. 21, N. 39, P. 170-182, 2019.

SANTOS, Renato Emerson Dos. DEMANDAS Emergentes Em Educação: As Políticas De Combate Ao Racismo. E-Mosaicos, V. 2, N. 4, P. 70-85, 2013.

SANTOS, Renato Emerson Dos; CORRÊA, Gabriel Siqueira; SANTOS, Ronald Coutinho. Oficinas "racismo E Educação": Experiências De Atuação De Uma Pesquisa-ação Na Aplicação Da Lei 10.639/03. E-Mosaicos, V. 7, N. 16, P. 125-140, 2018.



DOI: 10.12957/E-MOSAICOS.2022.55154

SANTOS, Boaventura De Souza. O Colonialismo E O Século XXI. Centro De Estudos Estratégicos Fiocruz, 2018. Disponível Em: <<http://www.cee.fiocruz.br/?q=boaventura-o-Colonialismo-e-o-seculo-xxi>>. Acesso Em: 09 De Set. De 2020.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista Da; REGIS, Kátia; MIRANDA, Shirley Aparecida De. Sobre A Pesquisa Educação E Relações Étnico-Raciais. Educ. Rev., Curitiba, V. 34, N. 69, P. 9-16, June, 2018.

TEIXEIRA, Cristiane Ramos. Formação Continuada De Professores Para Diversidade Étnico-racial Da Rede Municipal De Cariacica. Anais Do Congresso Africanidades E Brasilidades. 2014.

VIANA, Cibele Aparecida. Perdura O Eurocentrismo No Ensino De História? Cadernos De Pós-graduação, V. 19, N. 1, P. 73-85, 2020.

RECEBIDO EM 9 DE OUTUBRO DE 2020

ACEITO EM 22 DE NOVEMBRO DE 2022



A e-Mosaicos Revista Multidisciplinar de Ensino, Pesquisa, Extensão e Cultura do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (Cap-UERJ) está disponibilizada sob uma Licença *Creative Commons - Atribuição - NãoComercial 4.0 Internacional*.

Os direitos autorais de todos os trabalhos publicados na revista pertencem ao(s) seu(s) autor(es) e coautor(es), com o direito de primeira publicação cedido à e-Mosaicos.

OS ARTIGOS PUBLICADOS SÃO DE ACESSO PÚBLICO, DE USO GRATUITO, COM ATRIBUIÇÃO DE AUTORIA OBRIGATÓRIA, PARA APLICAÇÕES DE FINALIDADE EDUCACIONAL E NÃO-COMERCIAL, DE ACORDO COM O MODELO DE LICENCIAMENTO *CREATIVE COMMONS* ADOTADO PELA REVISTA.